



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e  
desigualdades**

## **A RESISTENCIA NEGRA E FEMININA: EXPRESSOES E VIVENCIAS DE MULHERES NEGRAS NO CORDEL BRASILEIRO**

**MARIA CLARA PEREIRA SOARES<sup>1</sup>**

**FERNANDO ANTONIO SOARES DOS SANTOS<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O artigo levanta a importância que as mulheres negras cumprem na produção do cordel no Brasil. Resgatando histórias de mulheres que lutaram contra o racismo e o machismo no meio literário e até hoje o caminho aberto para novas mulheres e coletivos femininos trazendo na literatura a resistência feminina e negra na escrita poética. Com embasamento teórico de porque anteriormente na literatura se refletia ideologias racistas e como hoje são combatidas com a presença de mulheres negras na produção desse gênero literário, que é o cordel brasileiro.

**Palavras-chave:** mulheres negras; racismo; cordel brasileiro; resistência

### **ABSTRACT**

The article raises the importance that black women play in the production of cordel in Brazil. Rescuing stories of women who fought against racism and machismo in the literary environment and until today the path is open to new women and female collectives, bringing female and black resistance in poetic writing to literature. With a theoretical basis of why previously racist ideologies were reflected in literature and how they are fought today with the presence of black women in the production of this literary genre, which is the Brazilian cordel.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

<sup>2</sup> Secretaria Estadual do Rio Grande do Norte

**Keywords:** black women; racism; Brazilian cordel; resistance

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é uma parceria entre pai e filha, ambos cordelistas, que trazem em suas letras a perspectiva emancipatória da sociedade em forma de poesia. Que também as reflete na realidade vivida e experimentada. Resgatando histórias importantes e enaltecendo o cordel como um meio de comunicação eficiente de diálogo com os poetas escritores e a população que nos escuta.

O trabalho está dividido em três tópicos. Na primeira parte trazemos a trajetória feminina na composição do cordel, as batalhas que foram enfrentadas para que hoje possamos ver mulheres e coletivos femininos produzindo esse gênero literário.

No segundo momento, embasamos teoricamente com autores negros que contextualizam o racismo como forma de opressão e exploração no capitalismo, após o período de escravidão e como essas ideologias são reproduzidas no cordel.

Por último, a importante experiência de Goretti Gaivota, grande cordelista potiguar, que lutou até o fim contra o machismo e o racismo, tendo uma vasta coleção de suas obras, enaltecendo mulheres que tiveram papéis importantes na luta por direitos iguais, assim como abordou a violência doméstica e o racismo, criando palco de resistência no solo natalense.

Um importante apanhado de história e informações necessárias para seguirmos construindo um meio poético e literário que não se reproduza ideologia que inferioriza pessoas, por uma trajetória de exploração e lucratividade em cima de todo um povo que lutou bravamente por reconhecimento e sobrevivência, em consequência, as mulheres negras sendo as mais afetadas.

## 2. A RESISTÊNCIA NEGRA E FEMININA NO CORDEL

Abram alas que elas vão passando, abrindo as veredas, trilhando a senda tortuosa, mas com afinco desbravam seus espaços. Nunca foi nada fácil para as mulheres nesta sociedade, em que seus passos muitas vezes foram cobertos com seu próprio sangue.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Nesse mar das adversidades, enfrentando as turbulências do machismo, foram se impondo e de fato escancarando os caminhos, com seu brilho, iluminando a vida.

Como em todas as áreas, no mundo cordeliano não foi muito diferente. A primeira mulher a publicar um folheto no ano de 1938, não se sentiu à vontade, para assumir a autoria de seu cordel. A Maria das Neves Baptista Pimentel (1913-1994) assinou o seu primeiro cordel “O violino do diabo ou o valor da honestidade” com o pseudônimo de Altino Alagoano, o primeiro do marido, Altino de Alencar Pimentel, e o segundo nome vem pelo fato do Altino ser de Alagoas.

Por que isso acontecia? Resquícios de uma sociedade patriarcal, principalmente no estágio em que se encontrava dos anos 30, era muito raro, as mulheres assumirem a sua produção literária, geralmente por receio de sofrer represálias.

Na dissertação “A Representação da Mulher na Literatura de Cordel” observa com muita propriedade: “(...) o poder de opressão da sociedade atual permanece em constante vigor – fato esse comprovado a partir do momento em que a mulher decide participar de uma vida social mais ativa”. (Fátima Barreto apud Maria Francinete de Oliveira, 1981).

Apesar da Maria das Neves ter aberto o caminho para as publicações a partir de 1938, podemos constatar que só no ano de 1970 que se registrou com mais intensidade as publicações dos folhetos de autoria feminina.

O tempo foi passando e cada vez mais com a intervenção feminina na realidade, janelas foram se abrindo, apesar dos obstáculos, as muralhas foram se desmoronando.

No Cordel “Mulheres em Luta” de Nando Poeta, fala dessa trajetória:

Para obter as conquistas  
Travou-se muitas batalhas.  
Por vezes verteu-se sangue,  
Pelo corte da navalha,  
Mas a sua força ativa  
Derrubou muita muralha. (POETA, 2009)

Na esquina do mundo, na capital banhada pelo o Rio Potengi, muitas mulheres navegaram nos mares poéticos. Zila Mamede, vindo da Paraíba, se ancorando em Currais Novos, depois desembarcando em Natal foi a interseção para esse grande encontro.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

No livro “Navegos” de Zila Mamede no seu poema “As Enchentes e a Cruz da Menina”, dispara:

Enchentes de minha terra,  
Rios, chuvas do sertão,  
Plantei vazantes no açude,  
Não vingou a plantação.  
Há secas nos meus cabelos  
Mandacarus no meu chão  
Na vida, sou retirante  
Em que pastos morrerei? (MAMEDE, 1978)

Nesta estrofe a autora deixa a pista de que interagiu com os folhetos de feiras. A mesma no seu percurso de vida havia mergulhado na diversidade do cordel:

Não leio poesia popular por esnobismo: cresci ouvindo leitura de folheto popular, tanto em Nova Palmeira quanto em Currais Novos. Era a literatura de que a gente dispunha, no sítio do meu avô: os primeiros personagens da literatura que eu conheci foram Carlos Magno, no folheto Carlos Magno e os doze pares de França e Roberto do Diabo. Depois ouvi muitas vezes e chorava muito com a leitura de A Donzela Teodora, A princesa Magalona e a Imperatriz Porcina. Mas a minha maior emoção era o Pavão Misterioso. (MAMEDE, 1987)

Foi nesse universo, que mulheres deixaram a sua marca no gênero de cordel. No Dicionário de Poetas Cordelistas do Rio Grande do Norte, o autor Gutenberg Costa (2004), aponta várias delas, aqui citamos algumas que trilharam nas ruas da cidade natalina, entre elas: Maria Oneide de Lima e Souza (1924) natural de São Tomé - RN, se radicou em Natal residindo no bairro de Candelária; Nati Cortez(1910-1984) poeta e pesquisadora que publicou o cordel “Os mistérios dos discos voadores” (1972); Rejane Lopes Cardoso Serejo nasceu em Natal no dia 25 de março de 1949, que além de escrever seus cordéis, utilizou sua coluna nos jornais de Natal para falar dos personagens e obras do mundo cordeliano; a paraibana Clotilde Tavares radicada há anos em Natal, as cearenses Maria Giselda Trigueiro da Silva e Teresa Custódio de Queiroz; Josenira Fraga e Goretti Gaivota que fizeram em parceria o cordel para divulgar a campanha da candidatura a vereadora da Professora Elizabeth Nasser, elas versem assim:

Caro leitor natalense,  
Queremos apresentar  
A luta de uma mulher,

Você vai apreciar!  
Seu nome é Elizabeth  
Sua história vamos contar. (FRAGA; GORETTI, 1992)

### 3. MULHERES NEGRAS E O CORDEL

A presença das mulheres negras no cordel é algo que deve ser mais falado e divulgado, pois por muito tempo os cordéis são palco de racismo e preconceito. Desde seu surgimento podemos ver como as pessoas negras são reatadas em obras desse gênero literário, principalmente as mulheres negras. Isso não é à toa pois reflete o racismo na sociedade. Clóvis Moura em 1976 já escrevia sobre a representação das pessoas negras na literatura do cordel.

O uso sexual da mulher negra, reminiscência direta do regime escravista, prende-se a todo um complexo social e determina normas de comportamento de enormes áreas e camadas da nossa população. Vendida como coisa, a mulher cativa tinha que se sujeitar a todos os caprichos do senhor macho. (MOURA, C. 1976 p.25)

Esse histórico vem de uma origem escravocrata, repercutindo a visão daquela época que se tinha para todas as esferas da sociedade, entre elas a arte e literatura. O negro em alguns folhetos é visto de forma depreciativa, como diabo, cão, o marido traído, a mulher negra sempre sexualizada.

Com a expansão do capitalismo, para sua fase imperialista, proporcionou a formação do neocolonialismo, e como reflexo uma formação social com modo de produção dependente de países centrais junto a composição étnico-racial da população brasileira.

A relações sociais no país são atravessadas por desigualdades, pesando a opressão física, psicológica, dominação e discriminação encobertas pelo manto da unidade da nação e a naturalização das desigualdades e exclusões socioeconômicas, ou seja, são explicações importantes para a compreensão da coesão nacional e da coerção presentes na sociedade brasileira. (DURANS, 2021, p. 50)



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Por exemplo, a democracia racial, uma política para mascarar a desigualdade racial que ainda existe no país, mas que foi uma política consciente adotada para abafar os movimentos sociais que surgem para questionar o racismo. Junto a política de miscigenação que é vista como um processo natural da formação do Brasil. Contudo, é uma ideologia de apagamento e exclusão desta população que foi escravizada e feita de mercadoria, sustentando um sistema colonizador e explorador.

Dessa forma, o racismo, como ideologia elaborada, é fruto da ciência europeia a serviço da dominação da América, a Ásia e a África. A ideologia racista se manifesta a partir do tráfico escravo, mas adquire o status de teoria após a revolução industrial europeia. Os fatores históricos, econômicos e sociais do racismo e todas as formas de intolerância, combinados aos efeitos da mundialização da economia, tem ampliado os problemas das relações sociais, materializando-se na violação de direitos humanos e no aprofundamento das desigualdades sociais. (DURANS, 2021, p. 26)

Ângela Davis vai discorrer em seu livro “Mulheres, Raça e Classe” sobre a falta de estudo e publicações acerca das mulheres escravizadas, a partir de 1970 começou estudos mais aprofundados e livros que tratam sobre o período da escravidão, mas nenhum sobre a condição das mulheres negras.

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre a experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação. (DAVIS, A. 2016 p. 17)

Portanto, como todo processo tem resistência, também não deixaremos de ressaltar o quanto nos últimos anos, com o avançar da consciência e dos debates a cerca do tema racismo, encontramos diversas autoras cordelistas que abordam esse tema como forma de desconstrução na sociedade. Assim como exaltam o papel das resistências negras na história da escravidão no Brasil.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Tonha Mota (RN), Benedita De Lazari (SP), Jarid Arraes (CE), Goretti Gaivota (RN), Maria Rosa Caldas(SP) e tantas outras mulheres que na atualidade marcam as escritas do cordel com letras de amor, histórias e muita resistência! Mulheres que no dia a dia sofrem pela opressão que combinada entre o machismo e racismo, utilizam a escrita no cordel para nos trazer consciência acerca do tema.

Recentemente, Jarid Arraes, escreveu 15 obras em cordel e em cada obra uma narrativa de mulheres negras que fizeram história na libertação da escravidão no Brasil. Benedita De Lazari escreveu a obra “A escravidão negra e o quilombo dos Palmares”. Assim como Goretti Gaivota que teve um importante papel na introdução do cordel, abordando o racismo, dentro da universidade.

O coletivo Teodoras do Cordel, composto por diversas mulheres no estado de São Paulo, recentemente lançou uma obra intitulada “Mulheres Negras que marcaram a história”, uma coletânea que conta história de 16 mulheres negras brasileiras, uma obra prima, contando a história em uma perspectiva feminina e negra.

Tonha Mota, cordelista nordestina e negra, lançou seu cordel “O Preconceito Mata” no Clube de Leitura da Estação do Cordel em uma live no ano de 2021. Durante o evento a poeta foi surpreendida por um ataque cibernético com conteúdo, racistas, machistas e LGBTfóbicos, desferidos por um grupo de direita. Os insultos aconteceram no dia 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha.

O que é bem simbólico, pois no dia em que celebramos a resistência das mulheres negras, a autora sofre um ataque de ódio contra sua obra e sua pessoa. Ou seja, mesmo ocupando agora os espaços e sendo personagens da luta por igualdade, na atualidade, encontramos posturas que ainda permanecem fortalecendo a herança escravocrata e higienista da escravidão no Brasil.

No mundo inteiro as mulheres, em especial as mulheres negras, tem cumprido um papel importante de resistência e lutas. Na Revolução Haitiana em 1950, estiveram à frente do processo de libertação; nos EUA com Vidas Negras Importam (2020), foram a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

linha de frente contra o racismo e a violência policial nas ruas; nas lutas por libertação no Brasil comandavam Quilombos e revoltas contra seus senhores.

Hoje as mulheres negras tomam alguns postos de poder, como vice-presidência (EUA), cargos nos parlamentos (Vereadoras e Deputadas), temos o caso de Marielle Franco, vereadora, que foi assassinada brutalmente no Rio de Janeiro por denunciar as milícias. Mas infelizmente já tivemos experiências que esses postos não pertencem a classe trabalhadora, visto que sua composição majoritariamente são pessoas negras e feminina, institucionalizando os problemas sociais.

Contudo, só a representatividade não é suficiente, é preciso uma mudança estrutural nas instituições e ideológicas. Porque o sistema capitalista se beneficia com essas opressões para explorar mais, embora crie mecanismos identitários que façam a população negra se enxergar ocupando lugares, permanece oprimindo, nas favelas e periferias, com cortes dos serviços públicos e falta de acesso à serviços básicos para sobrevivência. Vide na Pandemia da Covid-19 a primeira pessoa a morrer com a doença, foi uma trabalhadora doméstica, negra, em São Paulo. <sup>1</sup>

A história precisa ser contada e o Cordel traz uma perspectiva nos discursos das mulheres que o escrevem em forma de elucidação e emancipação dessas mulheres. Na medida que contam a trajetória de mulheres que cumpriram papéis importantes para que hoje mais mulheres possam falar, escrever e se posicionar é uma forma de resistência. Agradecemos essas mulheres que iniciaram o processo e que hoje são lembradas por seus legados e incentivamos novas mulheres a trilhareem esse mesmo caminho e hoje na atualidade já ocupam seus espaços no meio cordelístico enfrentando barreiras, mas sempre produzindo!

---

1

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/03/ha-dois-anos-morria-a-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil.shtml>





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

#### 4. GORETTI GAIVOTA, UMA EXPERIÊNCIA DE RESISTÊNCIA NEGRA E FEMININA NO CORDEL.

A Goretti Gaivota conseguiu impulsionar a construção de textos sobre a temática da mulher na sociedade. Maria Gorete da Silva, seu nome de batismo – (1962-2020), natural de Natal-RN assinava suas obras literárias como Goretti Gaivota. Era atriz do Grupo Teatral Fala Esperança, cordelista, servidora municipal, escreveu suas obras com a poética em defesa dos direitos das mulheres e contra o racismo.

No Cordel “Minha História em Cordel”, a poetisa se apresenta:

Sou poeta de praça pública  
E a oito Cordéis publiquei;  
Em três coletâneas poéticas  
Meu poema eu já registrei;  
Com o Grupo Fala Esperança  
Em peças eu contracenei!

Bem melhor que ser poeta;  
Muito mais que ser atriz,  
Eu prefiro ser a Cordelista  
Que fala dos muitos Brasis!  
Eu sou mulher Nordestina.  
Tenho na Raça Negra a raiz!

Sou Goretti, sou a Gaivota  
Agitada como uma procela!  
Sou Maria e sou consciente  
Da força que em mim revela  
A habilidade com a palavra  
E tudo que posso fazer com ela!

Eu vou terminar a estrofe  
Com o verso em que comecei  
A transformar em Lirismo  
Esta saga que apresentei:  
No ano de sessenta e dois  
À revelia de tudo, vinguei! (GAIVOTA, 2012)

A poeta Gaivota foi responsável por produzir, a pedido do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher da Prefeitura de Natal, uma trilogia sobre a violência sofrida pelas mulheres: Violência Doméstica 1986 e em 1987 a Violência no Trabalho e a Violência na Rua, além dessa série, também publicou: a Mulher Negra 1988; O Grito da Mulher 1990; Direitos da Mulher 1992, entre outras obras.

Na sua obra, Violência na rua, ela constata:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Companheira que me lê,  
Preste muita atenção  
Neste caso que lhe conto  
Quero sua opinião:  
- Por que é que a mulher  
Sofre tanta agressão?

O marido a escraviza.  
No trabalho é explorada.  
Se pela rua ela anda,  
Sempre é discriminada.  
Até em terrenos baldios  
É morta ou violentada! (GAIVOTA, 1987)

Soltando a sua voz, meteu a colher na Violência Doméstica, na edição revisada em  
2011:

A discriminação da mulher  
Decreta brutal sofrimento.  
Umas não têm vez nem voz,  
Tampouco discernimento:  
E fica à mercê do algoz,  
Entregue ao recolhimento.

Muitas vezes por inocência,  
Por ignorância ou temor,  
A mulher não se rebela,  
Perante o seu agressor!  
Às vezes até sente culpa.  
Pensa que é gesto de amor! (GAIVOTA, 2011)

A campanha que propagou os cordéis sobre a violência contra a mulher no ano de 1987, pautou na cidade de Natal um conjunto de ações que levaram a ruas a necessidade de se combater qualquer tipo de violência contra as mulheres.

Para impulsionar essa campanha foram organizados pedágios nos cruzamentos das ruas: Avenida Deodoro com a Rua Jundiaí na Cidade Alta, em frente ao Centro de Saúde do Alecrim na Avenida Alexandrino de Alencar com a Mario Barreto e na antiga Avenida Bernardo Vieira, hoje Nevaldo Rocha com a Salgado Filho, e nestes locais os cordéis com a temática da violência doméstica foram distribuídos amplamente à população.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A distribuição dos folhetos de cordel de Goretti Gaivota também aconteceu no Conselho Comunitário da Cidade da Esperança, onde ocorreu a encenação da peça sobre a Violência Doméstica pelo Grupo Teatral Fala Esperança.

Muito se vê hoje em dia,  
Mulher sendo assassinada  
Por marido ou namorado.  
Ou então sendo estuprada  
Por pai, irmão ou vizinho,  
Dentro da própria morada! (GAIVOTA, 2011)

A Poeta atriz, sobrevoava toda esta cena cultural de Natal, sempre reafirmando a necessidade da emancipação das mulheres. O objetivo de toda campanha era desenvolver um processo de conscientização entre as mulheres que sofriam a opressão no trabalho, em casa e na rua.

Seu lar, sua casa, seu canto,  
Se transforma em cadeia...  
Por não ter maior instrução  
Ela permanece mais alheia!  
Pois depende desse homem  
Que a humilha e esfaqueia.

Agora, chega de violência!  
Vamos combater este mal!  
Em qualquer relacionamento  
Não se pode ter por usual  
Subjugo, maltrato ou ofensa,  
Seja ela física ou verbal! (GAIVOTA, 2011)

Para manter com firmeza a bandeira da emancipação política das mulheres, seria preciso superar as enormes muralhas que atravessam no meio do caminho da seara feminina. Em 1988, a pedido mais uma vez do Conselho Municipal de Direitos da Mulher, a poeta aceitou o desafio de elaborar um novo cordel, agora sobre “A Mulher Negra” na sociedade banhada de preconceitos.

A UFRN através do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes em parceria com o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher em 1988 realizaram uma programação sobre a “Abolição 100 anos depois” com a presença de Suely Carneiro, Coordenadora do Programa da Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Neste evento, a atriz e cordelista Goretti Gaivota teria o seu cordel sobre “A Mulher Negra” distribuído para os presentes, mas no decorrer da palestra foi comunicada que seu poema havia sido censurado, portanto, retirado da programação e a justificativa, era pelo fato da “linguagem usada no folheto estava agressiva, e poderia incitar a violência e ao preconceito, e por isso seria submetido ao estudo”. (Diário de Natal, 1988).

A poeta Gaivota se dirigiu ao plenário da palestra que estava sendo realizada na Biblioteca Central Zila Mamede da UFRN, e explicou o ocorrido, e perguntou aos presentes se poderia declamar o seu cordel, de pronto os participantes concordaram em ceder a palavra à cordelista lhe dando o direito em apresentar o seu cordel naquele momento.

Diante de todo o constrangimento, de uma palestra que abordava a temática do preconceito vivido por toda população negra, os organizadores não tiveram como negar o espaço, e Gaivota soltou em alto bom som a sua voz:

Escrevo em versos de cordel  
A força do preconceito,  
Que atira a raça negra  
No charco do desrespeito,  
Que nega a sua cultura  
E elimina seus direitos.

É sabido que a mulher  
Muito é discriminada.  
A negra sem exceção,  
É muito mais explorada.  
No que se refere a empregos  
Sempre é escoraçada.

A negra pode ter fama,  
Beleza e até posição.  
Apesar de tudo isto  
Predomina a rejeição  
- Sua vida é marcada,  
Pela discriminação.

Até na literatura  
E na música popular,  
O racismo segue à risca,  
Querendo perpetuar.  
O ditado que afirma:  
Negra é só pra fornicar! (GAIVOTA, 1992)

Este mesmo Cordel “A Mulher Negra” censurado no evento ocorrido na UFRN no ano de 1988, teve a sua publicação, posteriormente, pelo o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher no ano de 1992.

Por este e outros versos que a poeta Gaivota deixou seus passos cravados na história da luta pela a emancipação das mulheres, como afirmou na sua página no Recanto das Letras:

A gente tem que despedaçar as algemas, negar, romper o silêncio das páginas em branco, ainda que seja tingindo-as de suor e sangue (...) creio caríssima, que certamente discorreríamos sobre a máxima da Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher. Torna-se mulher!” (GAIVOTA, 2012)

A Gaivota voou como todo pássaro, foi para outro litoral, também belíssimo, Ubatuba uma linda praia do litoral norte de São Paulo e pelo que se consta continuou a navegar no mundo poético, provavelmente se alimentando das infinitudes de novos poemas, sempre no caminho da libertação da mulher, e da luta contra o racismo, que permeou toda a sua obra.

Em 2020 tivemos pelas as redes sociais a triste notícia de seu encantamento, a poeta estava acometida de um CA de pâncreas, e foi infectada pelo Covid-19, agravando seriamente o seu quadro clínico, depois de 11 dias internada em um hospital em São Paulo, com 58 anos no dia 28 de novembro veio a falecer.

Pouco se falou na cidade em que nasceu, mas quem produziu sobre o que produziu, não poderia ficar no esquecimento. Seus poemas eram verdadeiros manifestos na defesa intransigente dos direitos da mulher e no combate ao racismo.

A Gaivota voou, mas deixou o seu legado, e aqui fazemos o registro. E você leitor não deixe morrer a poética de uma poeta. Propague mais essa história por aí.

## 5. CONCLUSÃO

O meio cordeliano ainda é homogêneo de machismo, pois sua construção foi parte da exclusão das mulheres, em mais esse âmbito, assim como qualquer outro meio literário e de formação. As mulheres sempre foram empurradas para fora das universidades e escolas. Esse paradigma tem sido quebrado com sua inserção e os posicionamentos que são tomados para sua visibilidade.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A história de Goretti é mais uma de muitas que resistiram e abriram espaço para novas mulheres ocuparem esse meio literário. Hoje já podemos encontrar diversos coletivos femininos de mulheres cordelistas pelo Brasil que se reuniram para mostrar força e representatividade. Falavam que mulheres não escreviam, mas na verdade as primeiras mulheres se escondiam com medo das consequências do machismo contra elas. Sempre houve mulheres escrevendo, sempre haverá, pois tem muito o que falarem.

O recorte das mulheres negras faz-se fundamental, pois mesmo com toda opressão machista que une todas as mulheres, a combinação do racismo não é sentida por todas. São invisibilizadas ainda mais as mulheres negras, pois sua maioria está ocupando os piores postos de trabalhos e são mais empurradas para fora dos meios pensantes, pois sempre foram tratadas como força de trabalho precarizada e sexualizada, devido ao reflexo da construção do racismo em nosso país, resquícios da escravatura.

Ainda tem muito trabalho pela frente, abrir espaços para essas mulheres que possamos contar a história das que já passaram, não só pelo cordel, mas pela trajetória de resistências e lutas para chegarmos até hoje vivas!

## 6. REFERÊNCIAS:

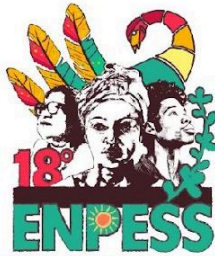
BARRETO, Fátima. **Lindalva: o cordel em forma de mulher**. In: Diário de Natal. Natal, 1983.

COSTA, Gutenberg. **Dicionário de Poetas Cordelistas do Rio Grande do Norte**. Mossoró: Queima Bucha, 2004.

COSTA, Gutenberg. **A presença feminina na Literatura de Cordel do Rio Grande do Norte**. Natal: Queima Bucha e Editora 8, 2015.

DIÁRIO DE NATAL, 1988. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711\\_03&pesq=trag%C3%A9dia%20do%20baldo](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=trag%C3%A9dia%20do%20baldo) Acesso: 16 mai de 2023.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**; tradução Heci Regina Candiani. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2016.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

DURANS, C. A. **Políticas de raça e classe no Brasil: uma crítica marxista**. São Paulo: Editora Sundermann, 2021.

GAIVOTA, Goretti. **Violência Doméstica – Volume I**. In: CMDM – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Natal-RN, 1986.

GAIVOTA, Goretti. **Violência Doméstica**. In: Recanto das Letras. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br> Acesso em: 19 dez. 2022. .

GAIVOTA, Goretti. **Violência no Trabalho Rua – Volume II**. In: CMDM – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Natal-RN, 1987.

GAIVOTA, Goretti. **Violência na Rua – Volume III**. In: CMDM – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Natal-RN, 1987.

GAIVOTA, Goretti. **A Mulher Negra**. In: CMDM – Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, Natal: 2ª ed., 1992.

GAIVOTA, Goretti. **Tsunamis Emocionais**. In: Recanto das Letras. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cartas/3476935>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FRAGA, Josenira; GORETTI, Gaivota. **Elizabeth Nasser Vereadora nº 40.660**. Natal, 1992.

MAMEDE, Zila. **Navegos**. Belo Horizonte: Vega, 1978.

MOURA, Clóvis. **O preconceito de cor na Literatura de Cordel**. São Paulo: Resenha Universitária, 1976.